

CONTRIBUIÇÕES DE ALGUNS CLÁSSICOS PARA A CONSTRUÇÃO DOS CONHECIMENTOS EM GEOGRAFIA

Maurilio Farias da Silva

Mestrando em Geografia pela Universidade Federal da Paraíba (UFPB), Paraíba, Brasil

Email: prof.maurilio@hotmail.com

Resumo

Adquirir e transmitir conhecimento são processos diários e intermináveis que ocorrem durante toda a vida. É conseguir riquezas incontáveis, que produz frutos para a vida toda e para eternidade. Assim sendo, este trabalho objetiva fazer uma breve apresentação de algumas contribuições de alguns clássicos, sejam geógrafos ou não, os quais, por meio de suas obras e pensamentos contribuíram para o desenvolvimento da ciência geográfica ao longo do tempo. Para tal, foi realizada uma revisão bibliográfica em livros, artigos e outras fontes, que juntas nos proporcionaram essa breve exposição de algumas das mais importantes contribuições dos clássicos aqui citados para a os conhecimentos geográficos. A importância deste trabalho está na sistematização facilitada das ideias de alguns dos maiores autores que contribuíram para a Geografia, pois se reconhece que esses saberes é o resultado de seus esforços para as “quebras de paradigmas”, que fizeram nossa ciência avançar até o patamar onde, atualmente, ela se encontra. Por isso, devem ser lembrados, estudados e revalorizados nos estudos dos geógrafos atuais, pois como o próprio adjetivo atribuído a eles diz: São clássicos!

Palavras-chave: Clássicos; Geografia; Ciência; Contribuições.

CONTRIBUTIONS OF SOME CLASSICS FOR THE CONSTRUCTION OF KNOWLEDGE IN GEOGRAPHY

Abstract

Acquire and transmit knowledge are daily and endless processes that occur throughout life. It is to achieve countless riches, which bear fruit for life and for eternity. Thus, this work aims to make a brief presentation of some contributions of some classics, whether geographers or not, who with their works and thoughts contributed to the development of geographic science over time. For this, a bibliographic review was carried out in books, articles and other sources, which together provided us with a brief exposition of some of the most important contributions of the classics cited here for geographic knowledge. The importance of this work lies in the facilitated systematization of the ideas of some of the greatest authors who contributed to Geography, since it is recognized that these knowledges are the result of their efforts for the "paradigm breaks" that have made our science advance to the level where currently she is. Therefore, they should be remembered, studied and revalued in the studies of the current geographers, because as the adjective attributed to them says: They are classics!

Keywords: Classics. Geography. Science. Contributions.

CONTRIBUCIONES DE ALGUNOS CLÁSICOS PARA LA CONSTRUCCIÓN DE LOS CONOCIMIENTOS EN GEOGRAFÍA

Resumen

Adquirir y transmitir conocimiento son procesos diarios e interminables, que ocurre durante toda la vida. Es conseguir riquezas incontables, que produce frutos para toda la vida y para la eternidad. Así, este trabajo tiene como objetivo hacer una breve presentación de algunas contribuciones de

algunos clásicos, sean geógrafos o no, que con sus obras y pensamientos contribuyeron al desarrollo de la ciencia geográfica a lo largo del tiempo. Para ello, se realizó una revisión bibliográfica en libros, artículos y otras fuentes, que juntas nos proporcionaron esa breve exposición de algunas de las más importantes contribuciones de los clásicos aquí citados para los conocimientos geográficos. La importancia de este trabajo está en la sistematización facilitada de las ideas de algunos de los mayores autores que contribuyeron a la Geografía, pues se reconoce que esos saberes es el resultado de sus esfuerzos por las "quebras de paradigmas", que hicieron que nuestra ciencia avanzara hasta el nivel actualmente se encuentra. Por eso, deben ser recordados, estudiados y revalorizados en los estudios de los geógrafos actuales, pues como el propio adjetivo atribuido a ellos dice: ¡Son clásicos!

Palabras claves: Clásicos; Geografía; La ciência; Contribuciones.

Introdução

Os clássicos são aqueles livros dos quais, em geral, se ouve dizer: "Estou relendo..." e nunca "Estou lendo...".
(Ítalo Calvino).

Início esse texto com a definição inicial que Ítalo Calvino dá aos clássicos, e expreso grande alegria pelo fato do autor afirmar que “por maiores que possam ser as leituras de ‘formação’ de um indivíduo, resta sempre um número enorme de obras que ele não leu” (CALVINO, 1993, p. 9).

Suas definições sobre clássicos concentram-se nas obras e não nas pessoas. Ela não se limita àquela colocada como epigrafe, pois como explicação para o próprio título do livro “**Por que ler os clássicos**” o autor traz 14 propostas de definições. Para os objetivos desse trabalho, destacamos também a nona proposta, que diz: “Os clássicos são livros que, quanto mais pensamos conhecer por ouvir dizer, quando são lidos de fato mais se revelam novos, inesperados, inéditos” (CALVINO, 1993, p. 12).

Sendo a Geografia uma ciência que trabalha na perspectiva de interpretação dinâmica da realidade e que tem se desenvolvido especialmente a partir das contribuições e influências de seus clássicos e, sobretudo, considerando essa realidade, este trabalho objetiva fazer uma breve apresentação de algumas contribuições de alguns clássicos, sejam geógrafos ou não, os quais as obras e os pensamentos contribuíram para o desenvolvimento da ciência geográfica ao longo do tempo. Para tal, foi realizada uma revisão bibliográfica em livros, artigos e outras fontes, que juntas nos proporcionaram essa breve exposição de algumas das mais importantes contribuições dos clássicos aqui citados para os conhecimentos geográficos.

A importância deste trabalho está na sistematização facilitada das ideias de alguns dos maiores autores que contribuíram para a Geografia, pois se reconhece que esse

conhecimento é o resultado de seus esforços para as “quebras de paradigmas”, que fizeram nossa ciência avançar ao patamar onde, atualmente, se encontra. Por isso, devem ser lembrados e relidos, pois como diz Calvino (1993, p. 6) “ler os clássicos é melhor do que não ler os clássicos”.

A episteme acerca do conceito de ciência está sendo permanentemente ampliado de acordo com a evolução das técnicas e tecnologias no espaço e tempo. Partindo da etimologia da palavra, *scientia* em latim significa conhecimento ou sabedoria. Para filosofia, ciência seria a busca incessante pelo conhecimento, de forma sistemática. Quanto mais o conhecimento avança mais se percebe as mudanças na vida da sociedade. Inúmeras teorias científicas, anteriormente válidas, foram refutadas, haja vista que a ciência mostra-nos quão pequenos e limitados somos.

Segundo o dicionário Aurélio (2001), Ciência é “conjunto organizado de conhecimentos relativos a um determinado objeto, especialmente os obtidos mediante a observação, a experiência dos fatos e um método próprio”. Thomas Kuhn (1997) corrobora com esse conceito ao dizer que a ciência é a reunião de fatos, teorias e métodos e afirma que as Revoluções científicas, episódios extraordinários nos quais ocorre a quebra de paradigmas da ciência normal e sua substituição por um novo paradigma, proporcionam o desenvolvimento científico, pois conforme o autor escreve: “produz uma ciência amadurecida” (KUNH, 1997, p.20).

Para se compreender essa sistematização dos conhecimentos que fundamentaram a ciência geográfica a luz da história, se faz necessário analisar as contribuições dos geógrafos considerados clássicos e de outros pensadores, que colaboraram para a evolução da ciência. Reconhecendo a limitação desse trabalho, que apenas serve como apresentação inicial. Por isso, convido aos que neste tema tem interesse, a buscar outras fontes para se aprofundar no assunto.

O nascimento da Geografia como ciência: contribuições de Humboldt e Ritter

O ser humano sempre objetivou conhecer o seu espaço habitado, por isso desde as mais antigas civilizações a geografia se fazia presente. Foi na antiga civilização grega que os conhecimentos geográficos tiveram seu primeiro grande impulso. Mas somente na Alemanha do século XIX que a Geografia instaurou suas bases científicas. Para Mormul e Rocha (2013), a Alemanha possuía as seguintes condições que permitiram essa Geografia

de base científica: um território fragmentado em dezenas de pequenos reinos e o desejo de expansão imperialista, constitutivo do capitalismo.

Tendo sua base nos escritos de Alexander Von Humboldt (1769-1859) e Karl Ritter (1779-1859) a geografia passa a ter seus elementos e fenômenos geográficos observados de forma sistemática a partir do método positivo ou científico, proposto por Auguste Comte (1798-1857) e utilizado por Humboldt que os descreveu disponibilizou a obra “Cosmos”, que objetivou ser uma descrição física do mundo.

Moreira (2009, p. 12), ao tratar sobre Humboldt expressa que o mesmo:

Tomando como referência a esfera das plantas como uma mediação das relações entre a esfera inorgânica das rochas e dos solos e a esfera humana da sociedade, Humboldt costura sobre essa base a unidade do todo da superfície terrestre. A morfologia da paisagem, tirada da teoria da estética de Goethe, é o recurso de método que emprega para das relações das plantas com o mundo do inorgânico e o mundo do humano inferir a sua teoria holista de geografia.

Ritter, por sua vez, contribui de forma significativa para a cientificidade da geografia ao ter compreendido e avançado com os estudos de Humboldt, ter proposto um dos mais importantes princípios da Geografia que é o da “analogia” ou “geografia geral”, e ainda ter dado uma grande importância às relações homem e meio, sendo talvez o precursor da Geografia humana. Ainda tratando sobre Ritter, Moreira (2009, p.12) expressa, dizendo:

O propósito de Ritter, porém, é, pela comparação das semelhanças e diferenças dos recortes, grupados dois a dois, extrair generalidades comuns e singularidades distintivas para assim chegar ao que designa de individualidade regional, ao fim do qual a superfície terrestre venha a aparecer como um todo como um grande mosaico, essa corologia constituindo a visão holista de Ritter.

Para o autor, o holismo tanto de Humboldt quanto de Ritter refletia o desejo da unificação alemã, servindo assim, no momento de seu desenvolvimento aos ideais burgueses da época. Nessa época a Geografia é elevada ao status de ciência, pois passa a ter um objeto próprio de análise, o espaço, observado e estudado através de suas paisagens utiliza o método científico que rompia com as ideias teológicas ou metafísicas e sistematiza os resultados das experiências positivas acumulando conhecimento.

As contribuições de Élisée Reclus (1830- 1905)

“Vista de cima, em suas relações com o homem, a Geografia nada mais é que a História no espaço, assim como a História é a Geografia no tempo”.

(Élisée Reclus).

A epígrafe citada acima mostra-nos um pouco da visão ampla da Geografia e nos sinaliza que é fundamental associar as contribuições dos pensamentos e escritos de Élisée Reclus com sua ideologia anarquista, pois é justamente essa concepção política-ideológica que o faz ver o mundo e perceber a geografia de forma um tanto diferente da maioria dos clássicos da Geografia.

Para Reclus (2010), o planeta é um elemento vivo, dinâmico e pulsante. Ele não via a terra como algo inerte. Em sua obra, **“Da ação humana sobre a geografia física”**, como o próprio nome expressa, o autor mostra que as ações do homem sobre o meio acabam destruindo-o, tornando feio, e empobrecendo o planeta. Para ele, somos todos filhos da Terra, ela nos dá vida, o movimento e o ser. Corroborando com a ideia de Ritter, ele diz que a terra é o corpo da humanidade, e que o homem, por sua vez é a alma da terra (RECLUS, 2010. p. 51-52).

Reclus (2010) traz muito daquilo que Kuhn (1997) propõe em sua obra, intitulada **“A estrutura das Revoluções Científicas,”** especialmente quando concorda que fazer ciência, baseia-se em ler, escutar, propor novidades, discordando e concordando com o que leu e escutou, fazendo prova de tudo para ver se é certo ou errado (logicamente, isso a luz daquilo que se acredita). Entretanto, as ideias de Reclus haviam sido desprezadas em sua época pela “ciência normal” de Kuhn (1997) e da comunidade acadêmica, pois contrariava aquilo que era paradigma em sua época: o papel e importância do Estado na gestão do território. Hoje, contudo, suas contribuições estão valorizadas. Para ele, como geógrafo humano, não era o Estado o principal agente de organização, apropriação e transformação do espaço, mas as comunidades humanas. Ele diz que cada grupo humano dava um valor excepcional ao canto da terra habitado por ele; as outras regiões pareciam-lhe inferiores porque não lhe pertenciam (RECLUS, 2010, p. 80).

Nesse sentido, não poderíamos deixar de trazer uma crítica a uma das concepções epistemológicas de Reclus sobre a Geografia, pois o mesmo expressa: “a geografia, que não é absolutamente uma ciência em si mesma, liga-se a todas as ciências e serve-lhes de sólido

ponto de apoio, de reservatório infinito para a produção dos fatos” (RECLUS 2010, p. 77). Reconhecemos que na época da concepção dessa ideia, talvez ainda existisse alguma dúvida sobre a legitimidade da Geografia como uma ciência autônoma, com seu objeto de estudo, relevância social e método científico próprio. Hoje, essa concepção de Reclus é inconcebível devido à luta e o esforço de múltiplos autores para reconhecimento da ciência Geográfica.

Mesmo com essa crítica, muitas são as contribuições de Reclus para a geografia. Conforme escreve Azevedo (2017), ele entendia as relações sociais dentro do contexto da construção e organização do espaço geográfico, procurando estabelecer as relações entre as classes sociais e o espaço ocupado e dominado. Além disso, Reclus conseguiu, em seu tempo, compreender a importância das redes como elemento responsável pela coesão dos territórios. É incontestável também a contribuição desse geógrafo aos estudos das cidades, especialmente na obra “**O homem e a Terra: indústria e comércio**”, em que é tratado sobre vários assuntos da vida urbana (RECLUS, 2011).

As contribuições de Friedrich Ratzel (1844-1904)

Ratzel é certamente um dos principais expoentes da geografia moderna. Suas contribuições para o desenvolvimento dessa ciência são incontestáveis, pois o mesmo é considerado por muitos, o fundador da geografia humana (Antropogeografia) e também da geografia política. Além das contribuições para a Geografia, Ratzel também teve grande expressão em várias outras áreas, como antropologia, etnografia, etnologia, etc.

Entre suas muitas contribuições, a obra “Antropogeografia” foi sem dúvida a que mais trouxe avanços e reflexões por relacionar de forma clara as relações entre o homem e o meio. Para ele, o meio exercia influência determinante na vida dos povos considerados à época menos desenvolvidos, chamados “povos de natureza”. Martins (2001, p. 1) ao comentar a importância de Ratzel, diz:

A abrangente produção ratzeliana deixa transparecer a integração de fatos da modernidade e do rápido desenvolvimento da sociedade no contexto da Alemanha que se unificava. Reflexões sobre o Estado, a história, as raças humanas, o ensino da geografia e a descrição de paisagens perpassam a obra do geógrafo, que se preocupava em auferir uma identidade comum à nação em formação.

Ainda para a autora, a obra de Ratzel é uma tentativa de superar uma geografia puramente descritiva e de avançar na formulação de grandes construções explicativas, onde o “sentido de espaço” (*Raumsinn*) ocupa lugar primordial (MARTINS, 2001, p. 2).

Na obra “**O solo, a Sociedade e o Estado**”, Ratzel traz importante contribuição para a geografia política, “pois para ele o Estado não pode existir sem um solo” (RATZEL, p. 1), ou seja, sem um território que para ele e para a Alemanha seria o espaço vital, ou espaço necessário à expansão econômica e a vida da população alemã.

Atualmente muitos têm sido os autores que tem estudado e refletido as obras e contexto histórico, social e político de Ratzel. A partir desses estudos, Carvalho (1997) vai dizer que são comuns os reducionismos e simplificações do pensamento ratzeliano, pois o mesmo é taxado sempre como um determinista irreparável ou um darwinista social racista que acreditava que os brancos das zonas temperadas são superiores aos povos dos outros locais.

Refletindo sobre o legado de Ratzel, Carvalho (1997, p.42-43) alerta:

Pode ser que a forma como Ratzel passou a figurar na história das ciências sociais de uma maneira geral, e na geografia e antropologia em particular, reflita uma certa adesão, consciente ou inconsciente, à oficialidade histórica consagrada sobretudo pelos franceses, ingleses e norte-americanos que, com todo o direito que sempre coube aos vitoriosos, preferiram, obviamente, atribuir aos seus pares os papéis mais destacados na paternidade da institucionalização de algumas das principais especialidades analíticas das chamadas ciências sociais. Mesmo que para isso tivessem que lançar mão de expedientes como a edição de idéias, a descontextualização, o forjamento de divergências, etc.

Corroborando com o alerta que o autor acima nos faz sobre a edição e descontextualização das idéias de Ratzel, Seemann (2012) vai dizer que essas traduções seletivas e parciais resultaram em interpretações errôneas do pensamento de Ratzel. Para ele “a análise e avaliação da obra do Ratzel têm sido realizadas em contextos econômicos, políticos e sociais de épocas posteriores, levando a uma interpretação do passado sob a ótica do presente”. (SEEMANN, 2012, p. 2). Nesse sentido o autor afirma que os anti-ratzelianos tem construído uma imagem de Ratzel como “pai” do determinismo ambiental e da geopolítica nazista.

Sobre esse determinismo reducionista, Carvalho (1997) vai trazer um texto de Ratzel exatamente contrário a esse pensamento:

A cultura é a emancipação da natureza, mas não no sentido do completo desapego, mas no de sua mais ampla e múltipla aliança (...). Não podemos nos considerar totalmente independentes da natureza, quanto mais minuciosamente a exploramos e estudamos, e só nos tornaremos independentes de alguns acidentes de seu modo de ser ou de sua marcha, multiplicando os pontos de aliança. (Ratzel, 1888, apud, Carvalho, 1997, p.43.) Tradução do autor.

Ainda nesse sentido, Capel (1981) embasa o posicionamento de Carvalho ao afirmar que Ratzel não é determinista, pois ele acredita na capacidade da sociedade humana, em certo nível de desenvolvimento e organização, de modificar os elementos do meio natural.

Portanto, quando tratarmos as contribuições de Ratzel para a Geografia é preciso ter em mente que no contexto em que ele vivia e suas obras foram escritas o que predominava era a visão física e positivista da ciência geográfica associada às influências do evolucionismo das espécies. Por isso, quando é afirmado que Ratzel proporcionou desenvolvimento da ciência geográfica, é porque além do determinismo¹ (atribuído a ele por interpretações equivocadas?), proposto em um contexto ímpar e com fins políticos e econômicos, ele nos trouxe uma nova visão sobre o território, sobre a importância do Estado nessa gestão e desenvolvimento territorial, sobre as relações de interdependência entre o homem e o meio, sobre a função política e econômica da Geografia, etc.

As contribuições de Paul Vidal de La Blache (1845-1918)

Paul Vidal de La Blache, geógrafo francês e fundador da escola francesa de geografia, trouxe-nos como ideia base, a teoria possibilista, pois para ele o meio ambiente não determina o modo de vida dos povos, mas oferecia possibilidades para essas sociedades vencerem seus obstáculos naturais e se desenvolverem mais. Para o autor, essas sociedades ao se adaptarem ao meio, desenvolveriam cada vez mais cultura e técnica, ou gênero de vida que se especializa diante das realidades. Desse modo, para La Blache: “um gênero de vida constituído implica em uma ação metódica e contínua, que age fortemente sobre a natureza ou, para falar como geógrafo, sobre a fisionomia das áreas” (LA BLACHE, 2005 p. 2).

¹ O determinismo é uma teoria filosófica ou um princípio segundo o qual todas as coisas, inclusive o comportamento e desenvolvimento humano estão submetidas às relações de causalidade, e pelas quais a natureza “determinava” as condições de vida.

Como editor dos periódicos *Annales de Géographie* promoveu o conceito de geografia humana, como sendo o estudo do homem e sua relação com o meio. Em suas obras e nos periódicos, La Blache também trouxe importantes contribuições aos estudos regionais através de diversos trabalhos regionalizados. O acúmulo desse tipo de estudo levou às especializações dentro da Geografia, como a Geografia Agrária, Urbana, das Indústrias, das Populações, etc. (MORAES, 1999 apud FERNANDES, 2015 p. 38-39).

Como Geógrafo defensor da expansão e fortalecimento do Estado francês, La Blache traz contribuições que perduram até hoje e influenciam e muito o pensar e agir, não só dos geógrafos, mas dos governantes, empresários, etc. Para ele, o Estado (francês) deve conhecer as características de seu território, e tem totais possibilidades de se desenvolver e de melhorar a vida de seu povo governando seu território.

As contribuições de Jean Brunhes (1869-1930)

Jean Brunhes trouxe importante contribuição para a Geografia, especialmente ao formular seus princípios de “Interação ou conexão e da Atividade”. No primeiro, afirmava que os fatos e fenômenos não agem de forma isolada, mas estão sempre interligados; já no segundo, afirmava que esses fatos e fenômenos são dinâmicos e estão sempre mudando, portanto, seria necessário conhecer seu passado para se compreender seu presente e prever seu futuro. Afirma ainda que como geógrafos, somos conduzidos a estudar a ação do homem na Natureza sem a separar, nunca, do estudo da Geografia natural ou Física (BRUNHES, 1969, p. 41).

Em “Geografia Humana” Brunhes deu destaque aos estudos do ambiente e das comunidades da região do mediterrâneo, e conseguiu fazer com êxito, mesmo em sua época, importantes associações entre a sociedade e a natureza. Ruy Moreira, ao comentar a importância da obra escreve:

Geografia Humana é o trabalho de cunho sistemático no qual antecipa todo o debate ambiental atual, desde o problema do desmatamento ao da água, em suas vinculações com o processo de formação do espaço (MOREIRA, 2009. p. 75).

Brunhes produziu várias outras obras e trouxe para reflexão vários temas, a partir das mais diversas análises, mas certamente, será lembrado por seus princípios de análise da geografia e sua “geografia humana”.

As contribuições de Walter Christaller (1893-1969)

A principal contribuição de Christaller certamente está no campo da geografia urbana e econômica. Sua obra “Central Places in Southern Germany²” (Lugares centrais na Alemanha sulista) trazia uma teoria sobre a distribuição da população pela hierarquia dos lugares conhecida como Teoria dos Lugares Centrais. Esta foi baseada em um conjunto de pressupostos e princípios. Suas observações permitiram perceber que os lugares possuíam ordens ou hierarquias com funções distintas entre os de ordem superior e inferior.

Para Bradford e Kent, o objetivo principal da teoria dos lugares centrais é explicar a organização espacial das povoações e das áreas de influência, em particular a sua localização relativa e dimensão (BRADFORD e KENT, 1987 p. 18). Ainda para os autores, existem problemas na aplicabilidade nos seus pressupostos, inicialmente porque seus estudos ficaram restritos a Alemanha e também, porque suas ideias admitiam uma distribuição relativamente uniforme, o que não é a realidade da maioria dos lugares.

As contribuições de Viktor Sotchava (1905-1978)

O geógrafo e geobotânico russo Victor Borisovich Sotchava, baseado na Teoria Geral dos Sistemas do biólogo austríaco Bertalanffy, trouxe para os estudos da geografia física moderna esclarecimentos interessantes acerca daquilo que anteriormente Brunhes (1969) tinha proposto: que os fenômenos não ocorriam de forma isolada, mas como um sistema de ações integrado e interdependente. Sotchava, baseando na teoria acima e nesse princípio da interação ou conexão afirmava que:

A geografia física baseada nos princípios sistêmicos pode ocupar posições firmes na moderna geografia aplicada, apoiada no planejamento de desenvolvimento socioeconômico do país, e sugerir medidas para o desenvolvimento e reconstrução de seus territórios (SOTCHAVA, 1977, p. 1-2).

Para ele os geossistemas, embora sendo um fenômeno natural, teria um conjunto de elementos espaciais naturais ou antrópicos sempre aberto e variável, no qual um sistema seria composto por subsistemas integrados um ao outro e que se inter-relacionam.

² O livro foi publicado em alemão pela primeira vez em 1933, mas foi com a tradução para o inglês em 1966 que teve maior repercussão internacional, sendo até hoje uma referência em geografia urbana e seu estudo sobre redes.

As contribuições de Milton Santos (1926-2001)

Milton Santos, provavelmente o maior geógrafo brasileiro, deixou um legado de muito respeito. Suas contribuições extrapolaram muito seu tempo, os espaços onde foram produzidas as suas obras e teorias e o campo da Geografia. Nesse sentido, para Denise Elias:

São muitas as lições que Milton Santos nos deixou e com ele aprendíamos não só sobre a geografia, mas sobre a vida, como a de que o talento para a vida acadêmica é construído com muito trabalho metódico e cotidiano; que o verdadeiro intelectual não cede aos modismos da época e aos 'cantos de sereia' do sucesso fácil; que devemos lutar por uma universidade não atrelada ao mercado ou à técnica e que sem a curiosidade, o homem não chegará a lugar nenhum. Enumerá-las exige a reflexão de toda uma vida. De suas metáforas, conceitos e categorias ainda há muito por ser processado.

Sua colaboração para a construção epistemológica da ciência geográfica é nítida. Pensar o espaço, o território, o território usado era o objeto de seu trabalho. O uso da periodização; o imbricamento do teórico com o empírico, já que 'é através do estudo do lugar que o mundo é empiricamente percebido'; o estudo dos sistemas técnicos e dos sistemas normativos; assim como a idéia de que o mundo não se explica sem as suas diferentes partes são algumas das ferramentas imprescindíveis para o estudo da empiricização do tempo no espaço, nas diferentes escalas geográficas (ELIAS, 2002. p. 2).

Na sua principal obra, “**A natureza do espaço: técnica e tempo, razão e emoção**”, considerada a obra síntese dos estudos de Milton Santos, ele considera o homem em sociedade dialeticamente como produto e produtor do espaço. Nela ainda, o autor dá destaque para a centralidade da técnica e sua relação com o tempo, pois conforme é expresso: as técnicas são datadas e incluem tempo, qualitativamente e quantitativamente. Entre os resultados conceituais na obra, certamente o de “espaço” e “técnica” merecem destaque. Para ele, “espaço seria um conjunto indissociável de sistemas de objetos e de sistemas de ações” (SANTOS, 2017. p. 22), já técnica seria um “conjunto de meios instrumentais e sociais com os quais o homem realiza sua vida, produz, e ao mesmo tempo, cria espaço”. (SANTOS, 2017, p. 29).

Entre todas suas contribuições, algumas das quais citadas acima, a sistematização sobre o objeto de estudo da Geografia, que é o “espaço”, foi certamente o maior legado deixado por Milton Santos. Pois como ele mesmo afirma a própria disciplina está a ele subordinada.

As contribuições de Yves Lacoste

Nascido em 1929 na cidade de Fez, no Marrocos, Lacoste é também um dos maiores geógrafos da atualidade. Francês, com ideologia marxista, e talvez o maior expoente da corrente filosófica conhecida como Geografia Crítica ou radical, Lacoste ao escrever seus vários livros, contribuiu de forma significativa para repensarmos a geografia. Em suas obras, trouxe reflexões fundamentais ao pensamento das sociedades e da ciência moderna, pois acreditava que a geografia deve servir para o empoderamento social. Para ele, as pessoas (especialmente as camadas mais pobres) ao observar, devem compreender o mundo se posicionando de forma tal que possibilite uma transformação social e libertação das amarras dos instrumentos de opressão do capital e do Estado.

Lacoste, em seu livro “A Geografia - Isso serve, em primeiro lugar, para fazer a Guerra”, (é importante destacar que não apenas para isso, mas também como estratégia militar), faz críticas severas a geografia positivista (descritiva) e neopositivista (quantitativa), afirmando que estas funcionavam a serviço do capital e dos Estados-maiores em sua dominação. Para ele, a geografia possui funções ideológicas e políticas consideráveis. No livro, o autor expressa:

A Geografia é, de início, um saber estratégico estreitamente ligado a um conjunto de práticas políticas e militares e são tais práticas que exigem o conjunto articulado de informações extremamente variadas, heteróclitas à primeira vista, das quais não se pode compreender a razão de ser e a importância, se não se enquadra no bem fundamentado das abordagens do Saber pelo Saber (LACOSTE, 2011. p.22).

As contribuições de Lacoste são inúmeras e merecem ser lidas e refletidas. Entre as principais, destacamos que ele modificou, sem dúvidas, o modo de se pensar e fazer geografia, revelando elementos até então ocultos para a quase totalidade das pessoas, mostrando a importância, complexidade e as múltiplas funções dessa ciência. Além disso, estudou o subdesenvolvimento, a partir do materialismo histórico-dialético, analisando as condições sociais, econômicas, políticas e históricas que o capitalismo impôs a alguns países. Ele fez com que não naturalizássemos o subdesenvolvimento, e nem homogeneizássemos essa realidade.

As contribuições de Paul Claval ao pensar Geografia

Nascido em 1932 é considerado um dos maiores geógrafos da atualidade. Claval, em sua obra “Epistemologia da Geografia (2014)” nos faz refletir sobre o que é e como se desenvolveu nossa ciência. Nessa obra, ao tratar da importância dos conhecimentos da geografia como saber estratégico e como elemento básico para se conhecer e dominar um determinado território, expressa:

Aos poucos, esse conhecimento foi sendo usado para diversos fins. Desde a conquista de outras terras à integração de um território. Os homens conquistaram e moldaram a terra alterando as suas paisagens e distribuição dos fenômenos que são observados (CLAVAL, 2014, p. 20).

Na obra, o autor critica a reserva ou receio que os geógrafos possuem de dar uma formulação epistemológica explícita às escolhas efetuadas e aos métodos empregados (CLAVAL, 2014, p. 255). Desse modo, o autor trouxe uma importante contribuição ao apresentar de forma clara e objetiva o desenvolvimento da ciência geográfica ao longo do tempo, associando-a com o desenvolvimento científico, social e político dos vários locais que contribuíram para o avanço dessa ciência, fato que nos permite refletir sobre como será o futuro da Geografia.

Para ele, a geografia moderna ou científica nasce como projeto da Revolução Burguesa, no contexto da expansão capitalista, objetivando justificar as conquistas imperialistas europeias na América Latina, África e Ásia, locais habitados por povos que são determinados pelos aspectos da natureza. Em sua obra, Claval, fundamentado nas discussões que se fizeram no Circuito de Viena, que buscava discutir o papel das ciências para a sociedade humana, discorre sobre as concepções da geografia, citando as contribuições e limitações das várias correntes do pensamento geográfico, que nos auxiliam a compreender o desenvolvimento da geografia.

No decorrer de sua obra, Claval (2014) destaca os debates epistemológicos que fizeram a geografia avançar em seus estudos sobre o espaço e nas suas contribuições sociais e econômicas, pois durante esses debates, a Geografia se transforma em uma ciência que não dissocia o estudo dos aspectos naturais dos aspectos sociais da realidade (CLAVAL, 2014, p. 263).

Considerações

Já dizia Calvino (1993, p.16) ler os clássicos é melhor do que não ler os clássicos. Sobre a leitura destes, o autor orienta que cada um de nós monte a biblioteca ideal de nossos clássicos, em que metade dos livros deve ser aqueles já lidos e que contarão para nós e a outra metade daqueles que pretendemos ler, tendo sempre uma seção a ser preenchida pelas surpresas, as descobertas ocasionais (CALVINO, 1997).

Partindo da reflexão acima, acredito que as contribuições que os clássicos trouxeram são incontestáveis e servem como base de um conhecimento daquilo que hoje chamamos de Geografia. A evolução da própria ciência com seus métodos e princípios, produzindo saberes, são o resultado de tempos e espaços específicos a partir de valores que as coletividades possuíam. Com relação à ciência geográfica, ela assim como as demais ciências acompanhou as transformações sociais e as “revoluções científicas”, que responderam durante um momento específico as necessidades da população.

Ana Fani A. Carlos (2002, p.163) ao discorrer sobre o desenvolvimento da Geografia expressa que “a produção de um ‘saber geográfico’ move-se no contexto do conhecimento que é cumulativo (histórico), social (dinâmico), relativo e desigual, ao mesmo tempo contínuo/descontínuo”. Para ela, a Geografia é um saber em constituição que ocorre como movimento constante de superação e busca de novos caminhos teórico-metodológicos.

Portanto, conforme foi exposto na obra acima, mesmo que de forma introdutória, todos os geógrafos, e independentemente de seu campo de estudo e de suas ideologias e posicionamentos políticos trouxeram contribuições que fizeram da Geografia a ciência que é hoje. Por isso, devem ser lembrados, estudados e revalorizados nos estudos dos geógrafos atuais, porque como o próprio adjetivo atribuído a eles diz: São clássicos!

Referências

AZEVEDO, R. S. R. de. **Por uma geografia dos povos a partir de suas Comunidades**: A teoria comunitária de Élisée Reclus. Disponível em: <https://journals.openedition.org/terrabrasilis/1768>. Acesso em 09/07/2018.

BRUNHES, J. **Geografia humana**. 3. ed. Rio de Janeiro: Fundo de Cultura, 1969.

CALVINO, Í. **Por que ler os clássicos**. Tradução: Nilson Moulin. - São Paulo: Companhia das Letras, 1993.

CAPEL, H. **Filosofia y ciencia en la geografia contemporánea**. Una introducción a la geografia. Barcelona: Barcanova, 1981. 509 p.

CARLOS, A. F. A. **A Geografia brasileira, hoje: algumas reflexões.** In: Revista Terra Livre; São Paulo. Ano 18, vol. I, n. 18 p. 161 - 178 JAN.-JUN./ 2002. Disponível em:

<https://www.agb.org.br/publicacoes/index.php/terralivre/article/view/151/0> > Acesso em 18/01/2019.

CARVALHO, M. B. **Ratzel: releituras contemporâneas. Uma reabilitação?** In: Revista Terra Livre, 1997. Págs. 42-60. Disponível em:

<https://www.agb.org.br/publicacoes/index.php/terralivre/article/view/124/120> > acesso em 18/01/19.

CLAVAL, P. **Epistemologia da geografia** / tradução Margareth de Castro Afeche Pimenta e Joana Afeche Pimenta. 2. ed. Florianópolis: Ed. Da UFSC, 2014.

DUARTE, R. H. **Natureza e sociedade, evolução e revolução: a geografia libertária de Élisée Reclus.** Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/rbh/v26n51/02.pdf> Acesso em 09/07/2018

ELIAS, D. **"Milton Santos: a construção da geografia cidadã"**. In: El ciudadano, la globalización y la geografía. Homenaje a Milton Santos. *Scripta Nova. Revista electrónica de geografía y ciencias sociales*, Universidad de Barcelona, vol. VI, núm. 124, 30 de septiembre de 2002. <http://www.ub.es/geocrit/sn/sn-124.htm> [ISSN: 1138-9788]

FERNANDES, S. W. R. **Contribuições da ciência geográfica às políticas públicas.** Tese de Doutorado. Unb. Brasília, 2015. Disponível em: http://repositorio.unb.br/bitstream/10482/19198/1/2015_SuellenWalaceRodriguesFernandes.pdf Acessado em 05/07/2018.

FERREIRA, A. B. H. **Minidicionário século XXI: o minidicionário da língua portuguesa.** 5. ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2001.

KUHN, T. S. **A estrutura das revoluções científicas.** 5. ed. São Paulo: Editora Perspectiva S.A, 1997.

LA BLACHE, P. V. **Geografia Geral: Os Gêneros de Vida na Geografia Humana** Annales de Geographia nº 111, ano XX, tomo XX, 15 de maio de 1911. Tradução: Maria Regina Sader e Simone Batista. In GEOgraphia – Ano7 – Nº 13 – 2005. Disponível em: <https://www.scribd.com/document/130965876/LA-BLACHE-Geografia-Geral-Os-Generos-de-Vida-na-Geografia-Humana-pdf> Acesso em 06/07/2018.

LACOSTE, I. **A geografia: isso serve, em primeiro lugar pra fazer a guerra.** 19ª edição. Campinas: Papirus Editora, 2011.

MARTINS, L. L. **Friedrich Ratzel.** In: Geographia, v.3, n.5, p.89-91, 2001. Disponível <http://www.geographia.uff.br/index.php/geographia/article/download/58/56> Acesso em 05/07/2018.

MOREIRA, R. **O que é geografia.** Disponível em: <https://dakirlarara.files.wordpress.com/2011/08/o-que-e-geografia-moreira-ruy.pdf> Acesso em 04/07/2018.

_____. **O pensamento geográfico brasileiro.** v. 1. São Paulo: Editora Contexto, 2009.

MORMUL. Najla Mehanna e ROCHA, Márcio Mendes: **Breves considerações acerca do pensamento geográfico: elementos para análise.** Disponível em: <https://periodicos.ufsm.br/geografia/article/view/7916/pdf>. Acesso em 04/07/2018.

RATZEL, F. **O solo, a Sociedade e o Estado.** Revista de Geografia da USP, 1983. v. 2. Disponível em: <http://www.revistas.usp.br/rdg/article/view/47081/50802>

RECLUS, É. **Da ação humana sobre a Geografia física: Geografia comparada no espaço e no tempo.** Tradução e organização Plínio Augusto Coêlho. São Paulo: Expressão & Arte, 2010.

_____. **O Homem e a Terra: A indústria e o Comércio.** Tradução Plínio Augusto Coêlho São Paulo: Expressão e Arte, 2011.

SANTOS, M. **A natureza do Espaço: Técnica e Tempo, Razão e Emoção** \ Milton Santos. – 4ª ed. 9. reimpr. – São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2017. – (Coleção Milton Santos).

SEEMANN, J. « Friedrich Ratzel entre Tradições e Traduções », *Terra Brasilis (Nova Série)* [Online], 1 | 2012, posto online no dia 05 novembro 2012, consultado o 18 janeiro 2019. URL: <http://journals.openedition.org/terrabrasilis/180>; DOI : 10.4000/terrabrasilis.180.